REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro
ANO VII Nº 69
EXEMPLAR GRATUITO

Lampião e Maria Bonita

Montagem baiana recria os últimos momentos do casal mais famoso do cangaço

Jornal do Teatro
Em cartaz
Daniel Herz
Elizângela
Fernando Ceylão
Guida Vianna
Gustavo Gasparani
Marcos Barbosa
Marília Pêra
Moacyr Góes
Mônica Martelli

Chique e notável

“Dalva de Oliveira, Maria Callas, Coco Chanel, Carmen Miranda... Na minha carreira teatral, vivo envolvida com mulheres que existiram de verdade. Mulheres fortes e importantes, que me obrigam a um estudo maior da história da época, além da voz e do gestual. Lendo a história delas e o entorno, procuro tirar as minhas próprias conclusões.

No caso dos espetáculos em cartaz, *Mademoiselle Chanel* e *Marília Pêra canta Carmen Miranda*, as pessoas têm uma Chanel e uma Carmen na memória, e vão ao teatro pretendendo encontrar esta memória. Mas, como diz o Peter Brook, “existe a minha verdade, a sua verdade e a verdade”. Tento fazer uma coreografia, entender o balé de cada uma delas. A Chanel era muito forte, e seguiu até os 88 anos trabalhando. Ela tinha muita perseverança, era uma lutadora mesmo. A Carmen era ousada, mais alegre do que a Chanel, e tão sedutora quanto, além de ter sido, também, uma grande estilista. Não me comparo a elas, porque foram internacionalmente revolucionárias. Mas, se me perguntarem, acho que tenho um pouco da perseverança da Chanel e da alegria e do humor da Carmen.

Depois de um ano e meio de casa abarrotada, em São Paulo – e nove apresentações de *Mademoiselle Chanel*, em Paris – estamos embarcando com a peça para uma temporada de um mês em Portugal. De janeiro a março, voltamos com *Marília Pêra canta Carmen Miranda* para o João Caetano. Queremos, em maio, trazer o *Mademoiselle Chanel* para o Rio. E ainda voltar, em 2006, para São Paulo.

É bom porque uma me dá um descanso da outra. A Chanel é mais amarga, se levava mais a sério. Na Carmen, faço uma aeróbica, subo, desço, troco de roupa, canto... Mas é maravilhoso estar envolvida com estes dois sucessos retumbantes!”

Marília Pêra, novembro de 2005

Revival

Um dos clássicos da dramaturgia de Nelson Rodrigues – e do próprio teatro nacional – a peça *Toda Nudez Será Castigada* ganhará nova versão, desta vez pelas mãos do diretor Paulo de Moraes e de sua Armazém Companhia de Teatro. O espetáculo entra em cartaz no Teatro I, do Centro Cultural Banco do Brasil, a partir de 1º de dezembro, e segue em temporada até fevereiro.

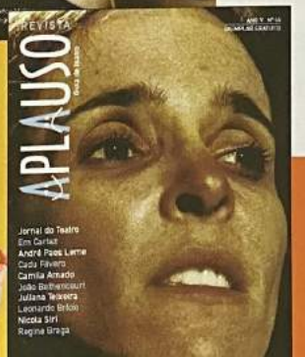
Feminismo

Réplica dos famosos teatros da Grécia Antiga, o Teatro Grego da UFRJ, no Campus da Praia Vermelha, abriga até dezembro a peça *Greve de Sexo,* baseada na obra *Lisístrata*, de Aristófanes. A montagem conta com a tradução de Millôr Fernandes, a direção de Paulo Hamiltonn e a interpretação de Gisela de Castro no papel daquela que foi uma das primeiras personagens feministas da História.

Para anotar na agenda!

De olho na temporada de 2006, o Centro Cultural dos Correios já bateu o martelo para a produção que vai abrir os trabalhos do novo ano que se aproxima: a peça *Rastro de luz*, do irlandês Brian Friel, que em 1996 chamou a atenção no circuito de teatros da Broadway. Com direção de Celso Nunes, os atores Júlia Lemmertz, Ednei Giovenazzi e Orã Figueiredo vão levar aos palcos cariocas uma história real, inspirada em um dos casos do neurologista Oliver Sacks. Cega desde criança, Molly Sweeney aprendeu a construir um mundo particular, baseado em instintos, até que aos 41 anos a vida lhe apresenta a oportunidade da visão. Com o apoio do marido e do médico, ela se lança numa nova jornada que guarda inúmeras surpresas e descobertas.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica.
Foto de capa: Carlos Barral/divulgação.



Colecione!
Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações
Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Assinatura semestral
R$ 24

Coleção completa de Aplauso por R$ 54!
Edições de 1 a 68

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Sonata de outono

"Indico a peça porque são duas atrizes excelentes (Marieta Severo e Andréa Beltrão) que estão ótimas! O texto é belíssimo, falando da relação entre mãe e filha, mas também se estende a outros tipos de relacionamentos ao abordar a dificuldade de comunicação da qual padecemos hoje."

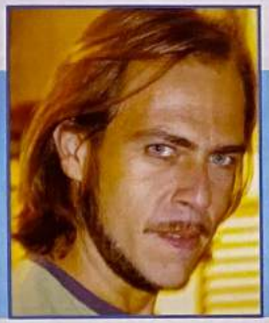
Ana Roberta Gualda, atriz

A incrível confeitaria do Sr. Pellica

SILVIO POZATTO/DIVULGAÇÃO

"Ter um novo autor brasileiro escrevendo um texto contemporâneo já é motivo para conferir. A peça, que faz referência a uma série de momentos importantes da história do teatro, é entretenimento e, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o próprio fazer teatral."

Carla Marins, atriz



Os homens são de Marte... e é pra lá que eu vou

"Adorei, principalmente pela capacidade da Mônica Martelli de escrever e atuar. Interligar esquetes é muito difícil, e ela faz isto com muito talento"

Anderson Muller, ator

A canção brasileira

"A peça é uma opereta do início do século passado, trazendo de volta um lado ingênuo do teatro que é muito legal. As músicas são lindas e os atores, ótimos! Também gosto muito dos personagens, que são alegorias do samba, da modinha, da canção... Tudo muito bacana!"

Rafaela Amado, atriz

palavra de atriz

Mônica Martelli

De onde você surgiu?

"Não posso ficar de carona no carro do outro", diz a autora e atriz Mônica Martelli.

Desde que escrevi e estreei o monólogo *Os homens são de Marte ... e é pra lá que eu vou!*, as perguntas que mais ouço são: "Quem é você?", "Onde você estava?", "De onde você surgiu?". Acho naturais essas dúvidas, porque, antes deste espetáculo, eu nunca tinha feito nada que tivesse me dado um destaque maior.

Sou formada em jornalismo e em teatro pela CAL-Centro de Artes Laranjeiras. Trabalhei no teatro com Almir Telles, Hamilton Vaz Pereira, Marcio Vianna, Caio de Andrade e Sura Berdichevski, entre outros. Na televisão, fiz *Chico Total*, a novela *Por Amor*, do Manoel Carlos, *Zorra Total*, *Os Maias*, e muitas participações, inclusive uma tartaruga no Videokê da Angélica! É. ator tem que se virar muito para sobreviver, somos obrigados a fazer coisas que não estavam nos nossos planos.

Mesmo assim, nunca consegui me manter só como atriz. No período de estudante da CAL fui maquiadora. Maquiei Cássia Eller, Elymar Santos, Luís Caldas, Zélia Duncan – que, na época, era Zélia Cristina – bandas de heavy metal e muito mais. E, claro, todas as vezes que precisei, a família me ajudou. Sem ela, tudo teria sido muito mais difícil.

Sempre achei que um dia alguém iria me dar uma boa oportunidade e a minha vida mudaria. Como isso não aconteceu, eu mesma resolvi me dar essa oportunidade. Cada um tem um caminho, o meu está sendo este. A vida me ensinou que não posso ficar de carona no carro do outro: tenho que dirigir o meu próprio carro, tenho que ter meus projetos.

Fico emocionada quando entro em cena e vejo a platéia cheia! Nunca vivi isso antes. É uma benção! Hoje, minha irmã Susana me falou uma coisa linda: "Sua estrela veio vindo lá de longe... veio vindo, veio vindo, veio vindo... e brilhou!"

Otelo da Mangueira

Um casamento inesperado: Shakespeare e o morro carioca. E o bardo caiu no samba...

Por Simone Melamed

No país em que quase tudo acaba em samba, não é de se estranhar que até Shakespeare tenha se rendido ao ritmo. Numa inusitada e rica mistura da poesia mangueirense com a prosa do inglês, a peça Otelo da Mangueira desfila o seu enredo, a partir do dia 10 de novembro, no Teatro Sesc Ginástico. Abram alas porque o espetáculo vai passar...

"Sou passista da Mangueira há 18 anos e há muito tempo queria fazer uma homenagem à minha escola. Certa vez, a Mangueira se classificou mal e eu compus um samba supertriste. Na época, pensei que nunca poderia cantá-lo e que só uma tragédia o justificaria. Comecei a pensar na idéia de tragédias contadas através do samba e acabei chegando ao Otelo, de Shakespeare, que sempre quis montar. Por ser uma história de amor e poder, ela se encaixa perfeitamente com as letras dos compositores da Mangueira, que falam de paixões, ciúmes e traições", conta Gustavo Gasparani, autor e ator da peça, que convidou Daniel Herz para dirigir o elenco de 13 atores que cantam, dançam e atuam.

"Separadas por quatro séculos, o traço comum entre essas duas culturas está no fato de ambas serem populares, cada qual em sua época. Portanto, é a palavra, em prosa, verso ou cantada, a grande estrela da montagem. No primeiro ato, ambientamos o espectador no morro dos anos 40, por meio de seus hábitos

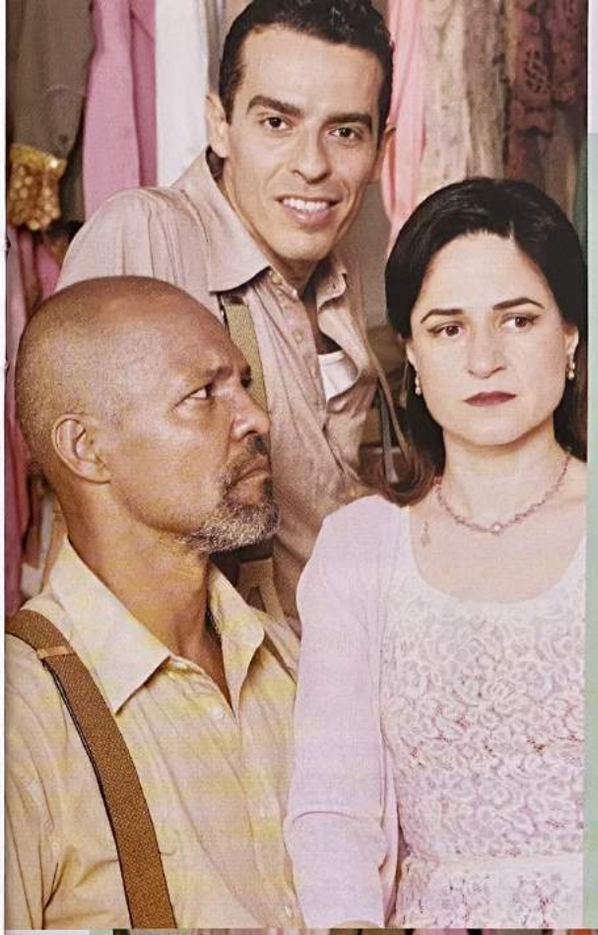
FOTOS: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO

e costumes. No segundo ato, a trama de Otelo atinge o seu clímax, quando as letras das músicas passam a funcionar como discurso dos personagens e ganham força dramática, para transportarmos o público para o universo shakespeariano", antecipa Herz.

Guerra de baterias

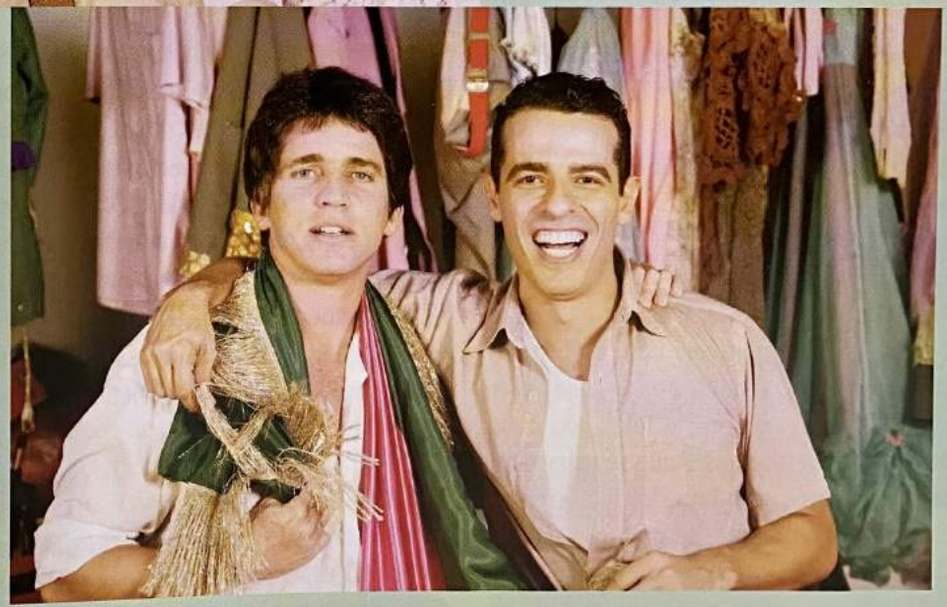
No texto original, o guerreiro mouro Otelo é enviado, pelo governo de Veneza, para enfrentar uma invasão turca à Ilha de Chipre. Neste cenário, é o amor do general por Desdêmona, filha de um poderoso senador, quem toma conta da cena. Através de intrigas fomentadas pelo vingativo alferes Iago, Otelo se deixa levar por um ciúme desmedido, levando a trama a um trágico desfecho.

Em Otelo da Mangueira, a guerra contra os turcos se transforma na luta para vencer o carnaval – e a batalha em Chipre vira uma disputa pelo samba-enredo, onde armas e munições se convertem em instrumentos de bateria. Otelo é compositor, presidente e fundador da Mangueira. Desdêmona é rebatizada como Lucíola, filha de um famoso alfaiate que, por sua graça e beleza, torna-se porta-bandeira da escola. E Iago aparece como Dirceu, compositor de prestígio e conselheiro de Otelo, mas inconformado por perder o concurso de samba enredo trama sua vingança contra o presidente da escola.



Inclusão social

Além do mosaico de versos mangueirenses e shakespeareanos, o projeto aposta numa política cultural de inclusão social. Durante dois meses, jovens da comunidade da Mangueira participaram de oficinas de dança, canto e teatro, ministrados por profissionais ligados à montagem de Otelo da Mangueira. No final, alguns integrantes foram selecionados para participar do espetáculo como atores e técnicos. A confecção de cenários, adereços e figurinos ficou sob a responsabilidade do Centro Cultural BR Mangueira, através de seus núcleos de costura e adereços, com a orientação de Ronald Teixeira e Marcelo Olinto, respectivamente cenógrafo e figurinista da peça.



DESESPERADOS

Apontado como um dos expoentes da nova safra de comediantes cariocas, Fernando Ceylão estréia novo espetáculo, assinando texto e direção.

O depoimento de Bia é, no mínimo, impactante. Segundo ela, a peça *Desesperados*, que acaba de estrear no Teatro das Artes, a salvou de uma tentativa de acabar com a própria vida. Ainda que seja exagero de estrela, numa entrevista às vésperas da estréia, a moça, nascida da imaginação do autor e diretor Fernando Ceylão, garante que veio com tudo para, junto com seus companheiros de cena, fazer a platéia morrer de rir. No total, são mais de quarenta personagens que se esbarram, desencontram e ganham vida em diferentes esquetes, a partir da interpretação do trio Cláudio Gabriel, Igor Paiva e Álamo Facó.

"Acho que a peça partiu da vontade de criar um conceito. É muito mais em cima de uma idéia do que de uma temática. Depois é que eu fui entender qual era o fio condutor disso tudo, e cheguei na temática do desespero, da solidão", diz Ceylão. A peça pode ser vista como uma coletânea de esquetes, mas também como uma peça inteira, porque há fios condutores entre um personagem e outro. Ceylão foi o primeiro não-americano a participar do Festival do American Comedy Institute, em Nova York.

3 em 1

Com uma carpintaria mais do que elaborada, o espetáculo permite, numa única cena, várias trocas de papel. Para tanto, o autor lançou mão da criatividade e chegou a um recurso de fácil entendimento: tarjas com nomes dos personagens coladas no peito de cada ator. "As tarjas são de velcro e surtem um efeito de abertura de seriado de televisão, como se fossem uma legenda. Por exemplo, num mesmo esquete, o ator pode representar um personagem de frente para a platéia e, quando ele vira, já tem um outro nome nas costas. Virou novamente? Já tem um novo papel. Assim, são três personagens diferentes em apenas trinta segundos", conta o autor, relembrando que os dois meses de apresentação no recente Festival de Comédia Carioca, no Teatro Ziembinski, ajudaram no ensaio e precisão desta complicada mecânica.

Além de ajudar na identificação dos personagens, as tarjas também auxiliam na indicação de cenário e figurino, dentro de um conceito visual bem definido, que aposta na combinação de preto e amarelo. "O Roberto Alvim (autor e diretor teatral) já me disse que parece que eu estou pintando um quadro e não dirigindo uma peça", conta Ceylão, que diz ter feito, sem querer, uma homenagem estética ao filme *Kill Bill*, de Quentin Tarantino.

Quem é quem, por Fernando Ceylão. E de um fôlego só!

"Crispim acabou de descobrir que lhe restam poucos dias de vida e tem uma irmã chamada Bia que é deprimida, tímida e suicida, e que sempre assiste o programa TV Divã onde trabalha a modelo, atriz e problemática Mônica, que também trabalha na boate Pussycat Kill Kill, além de freqüentar a casa do estranho casal Márcia e Ricardo, que é amigo do Marcondes, que também é tímido, suicida e deprimido, e é interpretado por Igor Paiva que jura que, apesar de tanta gente deprimida, essa peça é uma comédia que tem no elenco Claudio Gabriel que, entre outros personagens, interpreta Leila, melhor amiga de Bia, que é interpretada por Álamo Facó, que por sua vez também interpreta o Crispim, que acabou de descobrir que lhe restam poucos dias de vida ..."

FOTOS: BARATA COMUNICAÇÃO / DIVULGAÇÃO

FOTOS: CARLOS BARRAL / DIVULGAÇÃO

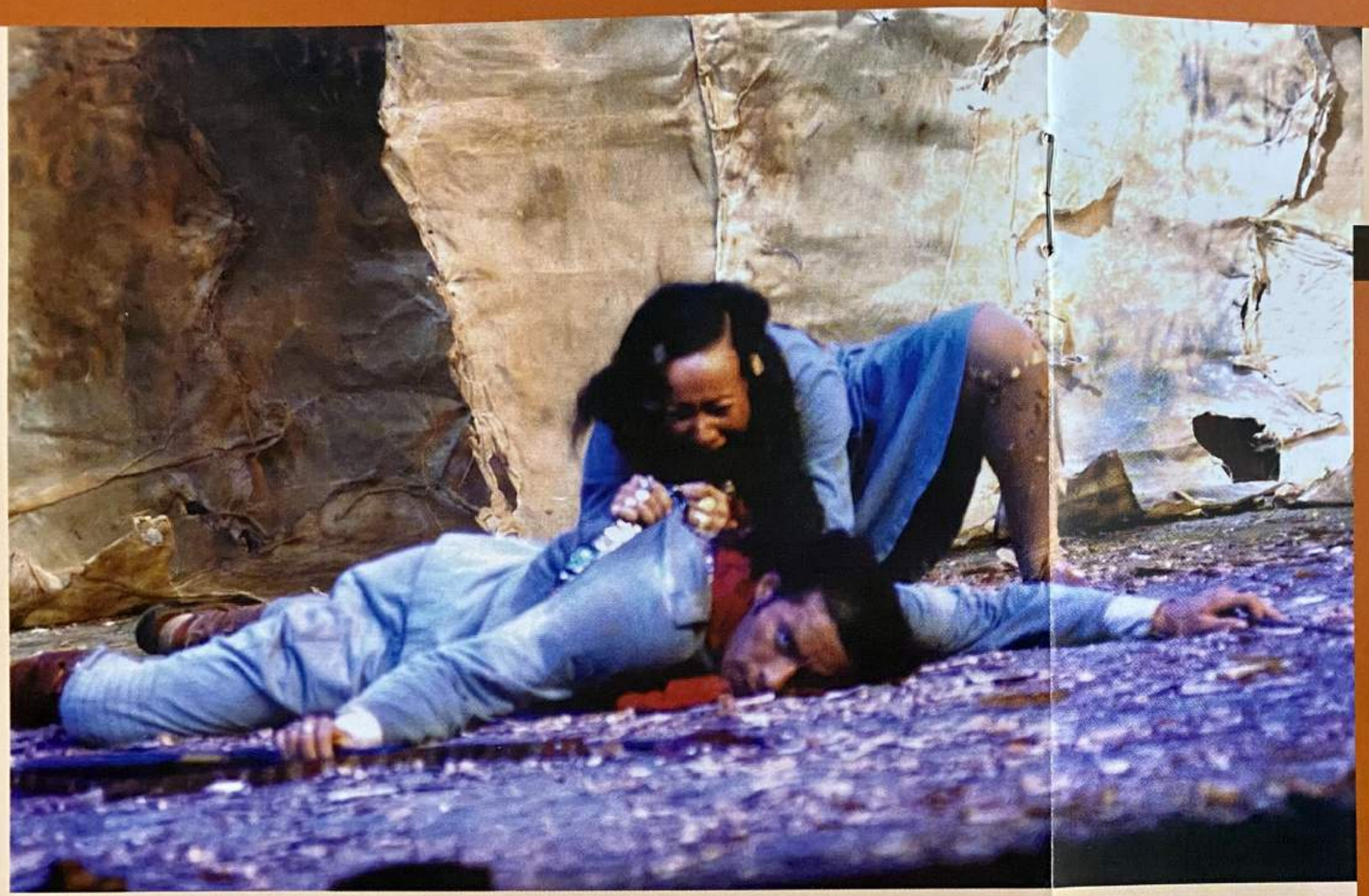
Lampião e Maria Bonita

Montagem baiana apresenta um novo olhar sobre as últimas horas do casal de cangaceiros.

Por Simone Melamed

"Virgulino Ferreira, o Lampião/ Bandoleiro das selvas nordestinas/ Sem temer o perigo nem ruínas/ Foi o rei do cangaço no sertão/ Mas um dia sentiu no coração/ O feitiço atrativo do amor". Os versos da música Mulher nova, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor, de Zé Ramalho e Otacílio Batista, são apenas um dos muitos exemplos do fascínio que o chamado governador do sertão e sua fiel companheira exercem, há tempos, não só no imaginário popular como em diferentes manifestações artísticas. Música, cinema, minissérie, literatura, cordel, dramaturgia. Agora, um novo olhar sobre a famosa dupla acaba de chegar aos palcos do Teatro II do Centro Cultural do Banco do Brasil, com a premiada peça Lampião e Maria Bonita, que recria as últimas horas do casal – e a própria história do cangaço - através de um diálogo fictício.

"Do ponto-de-vista da historiografia, nós estamos livres para reinventar, já que este último momento, pouco antes da execução dos dois na Grota do Angico, em Sergipe, nunca foi coberto por ninguém. Ninguém ouviu o que eles conversaram, se é que eles conversaram. E já que ninguém se apoderou, era nosso, da poesia. A peça recria esta hora mágica, como um momento de intimidade entre um homem e uma mulher, parte humanos, parte deuses", conta Marcos Barbosa, autor do texto, que com o restante da equipe mergulhou numa extensa pesquisa bibliográfica, incluindo viagens para diferentes lugares do sertão e um estreito contato com Expedita e Vera Ferreira, respectivamente filha e neta do casal. A família apóia o projeto e marca presença em todas as estréias, desde a primeira apresentação, na Bahia, em 2003.



Fora de ordem

"O espetáculo deseja aumentar a curiosidade sobre o cangaço, evitando tomar partidos e fazer julgamentos sobre ética e moral de quem quer que seja. Apenas pretende ampliar o desejo pela discussão do tema, lembrando que o drama do sertão, ainda hoje, se reafirma em nosso país de extrema desigualdade social. Se nós trocarmos os personagens, a gente ainda vê o braço da ilegalidade, uma estrutura de poder paralelo que é sustentada com a conivência da ordem oficial", aponta a diretora Elisa Mendes, ressaltando a importância da circulação cultural de diferentes produções artísticas pelo país. "Eu sei que já virou até banal dizer, mas o Brasil não conhece o Brasil. Quando nós começamos a viajar com a peça, não sabíamos como seria levar Lampião para fora do nordeste. Chegamos em Brasília temerosos, mas foi exatamente no lugar onde se pensa o país, onde as diretrizes são tomadas, que a gente levou Lampião para dizer que está tudo fora da ordem", relembra a diretora.

Para cantar

Trecho do cordel A volta de Virgulino para consertar o sertão, de José Honório da Silva

"Quer força seria esta/ Que causou apreensão/
A quem achava ter/ o Mundo na palma da mão/
Foi ele um cabra-da-peste/ Este El Cid do Nordeste/
Virgulino, Lampião/ Por muito tempo causou/
Grandioso rebuliço/ Enfrentando os poderosos/
O povo precisa disso/ Desde quando começou/
Virgulino demonstrou/ Que não brincava em serviço/
Igual ao vate Camões/ Na luta perdeu uma vista/
Mas em termos de campanha/ Foi um bom estrategista/
Em fileira a tropa andava/ E o derradeiro apagava/
Seus rastros, pra não dar pista/ Se morresse um cangaceiro/
Levavam o corpo consigo/ Escondendo pois a baixa/
Confundindo o inimigo/ A outro seu nome dava/
E a macacada pensava/ Que ainda era o antigo/
São estes rasos exemplos/ Da sua pródiga malícia/
Por isso Lampião foi/ Expoente na milícia/
Sendo assim, anos a fio/ Com astúcia conseguiu/
Dar um quinau na polícia/ A quem tinha o bom guardado/
Pedia contribuição/ Se atendesse ao pedido/
Dava eterna gratidão/ Mas ai daquele sujeito/
Que dissesse "não" ao pleito/ Do Grande Rei do Sertão.

OS JUSTOS

Moacyr Góes leva texto de Camus ao Teatro Leblon. Uma reflexão sobre as ações terroristas.

Depois de três anos dedicados ao cinema, o diretor Moacyr Góes está de volta aos palcos com a peça *Os Justos*, escrita no final dos anos 40 pelo franco-argelino Albert Camus, apenas uma década antes de ele ser agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura pelo conjunto da obra.

"O texto é uma reflexão sobre as ações terroristas e a validade de um pensamento de esquerda, que almeja dar conta de um mundo muito mais complexo do que os descritos em manuais e programas revolucionários. Camus expõe o horror que se esconde por trás de uma prega-

FOTOS: JÚLIA EQUI / DIVULGAÇÃO

ção que justifica os meios de atuação por uma idéia final de um mundo livre e sem contradições. O que me atrai é a atualidade do texto e esse discurso sobre política, ou seja, se há a possibilidade de se justificar um ato terrorista ou um ato criminoso", explica Góes, traçando um paralelo com o terrorismo que passou a imperar mundo afora.

Vida real

Baseado em fatos históricos, o espetáculo acompanha o cotidiano de um grupo de jovens russos que, em 1905, visando desestabilizar o regime vigente, planeja e executa um atentado ao Grão Duque, tio do Czar Nicolau II. Ao mostrar o dia-a-dia dos revolucionários antes, durante e depois do atentado, Camus acaba por revelar suas contradições, sonhos e decepções, incluindo as amorosas. "Em função da causa política, até um casal apaixonado tem de abrir mão do seu amor, e a conseqüência disto é a infelicidade".

Por mais extraordinárias que possam parecer certas situações da peça, elas realmente ocorreram. Mas isso não quer dizer que *Os Justos* é uma peça puramente histórica. "Todos os personagens de fato existiram e agiram como eu descrevo. Eu apenas me encarreguei de tornar um fato real ainda mais realista", diz Góes.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A CANÇÃO BRASILEIRA

Musical conta a história de amor que gerou o samba-canção, pela ótica de diferentes ritmos e instrumentos musicais. Texto: Luis Iglesias e Miguel Santos. Música: Henrique Vogeler. Adaptação: Maria Helena Martinez Corrêa. Direção: Paulo Betti. Com Ana Baird, Édio Nunes. **Teatro Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

A FARSA

A peça acontece dentro de uma caixa, no formato de um ringue, onde os personagens experimentam diversas máscaras sociais. Texto: Botho Strauss. Direção: Caco Coelho. Com Luisa Thiré, Isabel Guéron e Dado Amaral. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10. A partir de 9 de novembro.

A INCRÍVEL CONFEITARIA DO SR. PELLICA

Bebendo na fonte de comediógrafos clássicos do século XVIII, como Molière, a peça mostra a hipocrisia das relações sociais e a crise da fé. Texto e direção: Pedro Brício. Com Sávio Moll, Nina Morena, Isabel Cavalcanti, entre outros. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 623, Glória). Fone: 2555-7265. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15.

A MULHER DESILUDIDA

Adaptação teatral do texto *Monólogo*, do livro *A mulher desiludida*, de Simone de Beauvoir, no qual uma mulher reflete sobre a solidão e seu ódio ao mundo, após o suicídio da filha. Texto: Simone de Beauvoir. Direção: Gilberto Gawronski. Com Guida Vianna. **Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Sexta a domingo, 20h. R$ 5. A partir de 11 de novembro.

A VIDA PRIVADA É UMA COMÉDIA

Crônicas do livro Comédias da Vida Privada, de Luis Fernando Veríssimo, recriadas para o teatro. Texto: Luís Fernando Veríssimo. Adaptação e direção: Cyrano Rosalém. Com Elizângela, Silvia Massari, Élcio Romar e Rogério Fabiano. **Teatro Leblon – Sala Marília Pera** (Rua Conde Bernadote, 26, Leblon). Fone: 22743536. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 35 (qui. e sex.) e R$ 40 (sáb. e dom.).

BENT

O cotidiano num campo de concentração nazista, a partir da secreta história de amor entre dois homens. Texto: Martin Sherman. Direção: Luiz Furlanetto. Com Augusto Zacchi e Gustavo Rodrigues. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Terça e quarta, 21h. R$ 20. A partir de 15 de novembro.

COMO CHEGAMOS AQUI: A HISTÓRIA DO BRASIL SEGUNDO ERNESTO VARELA

O repórter Ernesto Varela passa a história política do Brasil em revista com muita irreverência e humor. Roteiro: Marcelo Tas e Fernando Salém, com a colaboração de Mauricio Arruda. Direção artística e interpretação: Marcelo Tas. **Centro Cultural Telemar** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-1227. Sexta a domingo, 19h30. R$ 10. Até 13 de novembro.

DESESPERADOS

Três atores se desdobram em 40 personagens, nesta comédia de esquetes interligados, em que o fio condutor é o desespero e a solidão. Texto e direção: Fernando Ceylão. Com Álamo Facó, Cláudio Gabriel e Igor Paiva. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Sexta e sábado, 22h45. $30.

FIOS DESENCAPADOS

Com ritmo e cenário de história em quadrinhos, a peça mostra dois jovens às voltas com a própria sobrevivência, trazendo à tona temas como a falta de horizonte e o sucesso instantâneo. Texto e direção: Daniel Tendler. Com Julia Barreto, Fellipe Marques. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. A partir de 25 de novembro.

GREVE DE SEXO

Adaptação de *Lisístrata*, de Aristófanes, obra que discute o papel da mulher na sociedade. A personagem comanda uma greve de sexo em busca de um acordo de paz. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: Paulo Hamiltonn. Com Gisela de Castro e Rodrigo Candelot. **Teatro Grego da UFRJ - Campus Praia Vermelha** (Av. Pasteur, 250 - Urca / Inst. de Economia da Praia Vermelha). Fone: 2556-5265. Sábado e domingo, 20h. R$ 10. Em caso de chuva, não haverá espetáculo.

INFRATURAS

Histórias, manias e neuroses de brasileiros comuns, contadas com pitadas de humor através de cenas do cotidiano. Texto: Fábio Porchat. Direção: Malu Valle. Com Fábio Porchat e Paulo Gustavo. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. A partir de 6 de outubro.

LADO A LADO COM SONDHEIM

Musical apresenta um panorama da obra do compositor Stephen Sondheim. Versão brasileira: Cláudio Botelho. Direção: Charles Möeller. Com Cláudio Botelho, Ester Elias, Ivana Domenico. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 20 de novembro.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

LAMPIÃO E MARIA BONITA

O espetáculo conta, através de um diálogo fictício entre Lampião e Maria Bonita no seu último amanhecer, a história do cangaço e de suas trajetórias. Texto: Marcos Barbosa. Direção: Elisa Mendes. Com Widoto Áquila e Fafá Menezes. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro II** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10.

MARIDO DE MULHER FEIA TEM RAIVA DE FERIADO

Um diretor de quinta categoria, uma autora frustrada e uma atriz inexperiente podem montar um espetáculo de sucesso? A resposta está nesta divertida comédia, que comemora os 55 anos de carreira de Ary Fontoura. Texto: Paulo Afonso de Lima e Ary Fontoura. Direção: Ary Fontoura. Com Ary Fontoura e Luciana Coutinho. **Teatro dos Grandes Atores / Sala Azul** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingos, 20h. R$ 30 (qui). R$ 35 (sex. e dom.). R$ 40 (sáb.). Até 20 de novembro.

MINHA VIDA DE SOLTEIRO

Comédia adaptada à realidade doméstica de uma grande cidade brasileira, conservando a visão crítica do autor sobre as ações e relações da classe média. Texto:Neil Simone. Direção: Ricardo Trindade. Com Ricardo Petraglia, Cadu Fávero e Carolyna Aguiar, entre outros. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. Quinta e sexta (R$ 35). Sábado e domingo (R$ 40).

NÓS NA FITA

Esquetes bem-humorados em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004.. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Qui. (R$ 35). Sex. e dom. (R$ 40). Sáb. (R$ 50).

O DOENTE IMAGINÁRIO

Clássico de Molière sobre um burguês avarento hipocondríaco. Texto: Molière. Direção: Jacqueline Laurence. Com Tonico Pereira, Gláucia Rodrigues. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Qui (R$10) e sex, sáb e dom (R$ 20). A partir de 10 de novembro.

O NARRADOR

O espetáculo enfatiza a figura do contador de histórias, valorizando a palavra e o estímulo dos sentidos, a partir de contos de diferentes autores. Textos: João do Rio, Hans Christian Andersen e Tchékov, entre outros. Direção e dramaturgia: Nara Keiserman. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2565. Quinta a domingo, 20h. R$ 15.

OS HOMENS SÃO DE MARTE ... E É PRA LÁ QUE EU VOU

Fernanda, uma jornalista solteira, relata seus conflitos e dilemas na busca de um grande amor. Texto e atuação: Mônica Martelli. Direção: Victor Garcia Peralta. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.) e R$ 35 (sex. e dom.). R$ 40 (sáb).

OS JUSTOS

Baseada em fatos reais, a peça se passa numa Rússia pré-revolucionária, onde um grupo de jovens socialistas planeja um atentado ao grão-duque. Texto: Albert Camus. Direção: Moacyr Góes. Com Ângelo Paes Leme, Caio Junqueira e Leon Góes. **Teatro Leblon – Sala Marília Pera** (Rua Conde Bernadote, 26, Leblon). Fone: 22743536. Quinta e domingo, 20h. Sexta e Sábado, 21h. R$ 40 (qui. e dom.) e R$ 50 (sex. e sáb.).

OS SUBURBANOS

Com muito humor, a peça faz uma homenagem aos moradores da periferia. Texto e direção: Rodrigo Sant´anna. Com Talita Carauta, Isabelle Marques e Rodrigo Sant´anna. **Teatro dos Grandes Atores/Sala Vermelha** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a domingo, 21h. R$ 30 (qui.). R$ 35 (sex. e dom.). R$ 40 (sáb.).

OTELO DA MANGUEIRA

Uma homenagem poético-fantasiosa à Estação Primeira de Mangueira, através de uma adaptação de um clássico de Shakespeare. Texto: Gustavo Gasparani. Direção: Daniel Herz. Com Claudia Ventura, Marcelo Capobiango e Gustavo Gasparani. **Teatro Sesc Ginástico** (Graça Aranha, 187 - Centro). Fone: 2279-4027. Quinta a domingo, 19h30. R$ 25. A partir de 10 de novembro.

OVO FRITO

Uma obra aberta e manifesto cênico em dois atos: um espetáculo com textos inéditos e debates com questões levantadas na peça. Direção: Moacir Chaves. Com Alessandra Colasanti, Julia Carrera e Luciana Borghi. **Espaço Rogério Cardoso – Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quartas, 20h. R$ 20.

PAREM DE FALAR MAL DA ROTINA

A peça une histórias vividas e ouvidas por Elisa Lucinda como observadora do cotidiano, além de poemas retirados dos livros *O Semelhante* e *Eu te amo e suas estréias*. Texto, direção e atuação: Elisa Lucinda. **Teatro Leblon – Sala Marília Pera** (Rua Conde Bernadote, 26, Leblon). Fone: 22743536. Quinta a sábado, 22h. Domingo, 21h. R$40 (qui.

e sex.). R$ 50 (sab.) e R$ 45 (dom.).

PONTO DE VISTA

A partir de três histórias interligadas, a peça investiga, em tom de comédia, a mulher e sua relação com o medo e a solidão. Texto: Duda Ribeiro. Direção: Luiz Carlos Tourinho. Com Marciah Moruzani. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Morais, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. A partir de 18 de novembro.

QUALQUER SEMELHANÇA É MERA COINCIDÊNCIA

A peça faz uma sátira à televisão brasileira, brincando com estereótipos de apresentadoras famosas. Texto: Eduardo Strucchi. Direção: Coletiva. Com Eduardo Rasberge, Ronaldo de Oliveira, Eris D´Souza e Eduardo Strucchi. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Morais, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Sexta e sábado, 24h. R$ 24.

QUATRO MALAS

Em mais de uma dúzia de esquetes de humor, quatro atores lançam mão de suas respectivas malas para resolver todos os elementos de encenação da peça. Adaptação e criação: Fernando Caruso. Direção: José Lavigne. Com Fernando Caruso, Gregório Duvivier, Marcelo Adnet e Rafael Queiroga. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Quarta e quinta, 21h. R$ 10.

SURTO

Esquetes cômicos que retratam a loucura do cotidiano. Texto e atuação: André Moraes, Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes e Wendell Bendelack. Direção: Cláudio Handrey. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 35 (qui. e sex.). R$ 40 (sáb. e dom.).

TUBO DE ENSAIO

Com um convidado diferente a cada apresentação, a comédia de esquetes brinca com diferentes tipos e situações, como a da barata que espera o público deixar o teatro para comer o que sobrou pelas poltronas. Textos: Isadora Andrade, Paula Rocha e André de la Cruz. Direção: Wendell Bendelack. Com Samantha Schmütz, Wendell Bendelack e Rodrigo Candelot. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. R$ 15.

UM CAMINHO PARA DOIS

Casal vive altos e baixos durante 25 anos de casamento. Texto e direção: Flavio Marinho. Com Luciana Braga e Osmar Prado. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.) e R$ 35 (sex. e dom.). R$ 40 (sáb.).

RESERVADO AOS PRODUTORES

No Senado

Providenciar o levantamento imediato de mecanismos que possibilitem a liberação, ainda em 2005, de recursos para ações emergenciais de fomento às artes cênicas, e que em 2006 não haja contingenciamento no orçamento do MinC, foram dois dos itens do documento entregue pela APTR e mais 113 entidades teatrais de todo o Brasil durante ato público na Subcomissão Permanente de Cinema, Teatro e Comunicação Social. O próximo passo será a audiência pública que dará prosseguimento às propostas apresentadas.

Convênio APTR e ECAD

A APTR firmou convênio com o ECAD que permite aos afiliados um desconto de 25% sobre o cálculo da minutagem apurada e isenção de 2% constante na tabela do ECAD. Para ter direito, o associado precisa apresentar o Termo de Adesão (obtido na sede da APTR), os formulários de Roteiro Musical e de Coleta de Dados (www.ecad.org.br), além de estar em dia com a contribuição social da APTR. Informações pelo sitewww. aptr.com.br ou pelo fone: (21) 2540-6396.

Teatro para todos

TEATRO PARATODOS

De 1º a 18 de dezembro o público carioca vai poder assistir a mais de 40 espetáculos – infantil e adulto – a preços populares, durante a 3ª Campanha Teatro para Todos. O evento traz ingressos a R$ 5 e R$ 10, disponíveis em pontos-de-venda espalhados pela cidade. Nas edições anteriores, a campanha levou aproximadamente 20 mil pessoas às salas de teatro. As produções podem adquirir as fichas de inscrição e regulamento no site www.aptr.com.br.

Câmara setorial

Formação, pesquisa e memória foram os temas da reunião nacional da Câmara Setorial realizada dias 17,18 e 19 de outubro, em Brasília. No encontro discutiu-se principalmente a questão da formação de platéia, de gestores culturais e de profissionais.

aptr

APLAUSO REVISTA

FOTO: BRUNO VEIGA / DIVULGAÇÃO

A mulher desiludida

Guida Vianna leva Simone de Beauvoir ao Espaço Sesc, em monólogo inédito.

Um dos ícones do movimento feminista do século 20, Simone de Beauvoir, costumava dizer que "temos amores necessários e amores contingentes ao longo da vida". E foi exatamente por uma contingência do destino que Guida Vianna acabou percebendo a necessidade de viver o seu amor pelo teatro de uma forma diferente. Vencedora do prêmio Shell 2004 de melhor atriz, pela peça *Nada de pânico*, ela resolveu convocar o amigo e diretor Gilberto Gawronski para ajudá-la a montar, pela primeira vez, um monólogo inspirado no livro *A mulher desiludida*, da polêmica escritora francesa.

"Eu ganhei o texto há uns seis anos, de um ex-aluno e amigo, que achou num sebo e me disse 'faz!'". Mas eu não tinha vontade de fazer um monólogo, porque gosto do grupo, da divisão, do contracenar. Este ano, quando eu estava ensaiando *Duas X Pinter*, passei muito tempo nos corredores, já que eu fazia uma participação especial somente no final da peça. Acabei relendo o livro na coxia e me dando conta de que estava vivendo um processo solitário na peça, ficando muito tempo esperando os outros. Então achei que estava na hora de me dar de presente este exercício de criação solitária", conta Guida, lembrando que, apesar de sozinha em cena, está muito bem acompanhada por Gawronski, que possui um vasto currículo no mundo dos monólogos.

Ilusão x lucidez

O diagnóstico da alma feminina é um dos grandes trunfos do livro – composto por três histórias – e é exatamente este raio X que aparece na recriação teatral da dupla, que escolheu adaptar o texto do meio, *Monólogo*, para a linguagem cênica. "Na verdade, não foi uma adaptação, porque não mexemos no texto, que é todo escrito na primeira pessoa. A Murielle é uma mulher desiludida, como diz o título, e tem uma visão tão lúcida das coisas que chega a ser patético. Acho que o sofrimento dela está na própria lucidez. Se ela conseguisse se iludir um pouco, seria mais feliz. Mas hoje a ilusão virou uma coisa pejorativa", comenta o diretor, lembrando da música *Dom de iludir*, de Caetano Veloso. "Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...", cantarola.

Depois de dois casamentos fracassados, além do suicídio de uma filha, Murielle se sente julgada e isolada por todos. Numa noite de *réveillon*, enquanto a família celebra no andar de cima, ela extravasa o seu fluxo de consciência, blasfemando contra tudo e contra todos. "Na peça, eu falo sem parar, como se fosse ela pensando. Ela está há cinco anos trancada, vivendo o seu calvário. Sente-se destruída, mas foi uma grande destruidora também", diz a atriz sobre esta espécie de anti-heroína moderna, com quem tem aprendido a conviver.

Existencialismo

Casada com Jean-Paul Sartre, Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir foi uma das fundadoras (junto com seu companheiro de toda a vida) do existencialismo, movimento que inclui a realidade concreta do indivíduo - sua mundanidade, angústia e morte - no centro da especulação filosófica. Autora de uma obra extensa, tornou-se mais conhecida pelo ensaio O Segundo Sexo, publicado em 1949, no qual clamava pela liberação do que chamou de o mito do "eterno feminino", e que acabou se transformando em um manifesto do feminismo. O próximo ano, 2006, marca o vigésimo aniversário da morte da escritora.

A vida privada é uma comédia

Crônicas de Luis Fernando Veríssimo sobre o dia-a-dia da classe média brasileira são recriadas com adaptação e direção de Cyrano Rosalém.

Por Simone Melamed

FOTO: SILVIO POZATTO / DIVULGAÇÃO

No início era o verbo: 101 crônicas registradas no livro *Comédias da Vida Privada*, em que o escritor Luis Fernando Veríssimo oferecia versões mais do que bem-humoradas para o cotidiano da classe média brasileira. Depois veio a série televisiva, sob o comando do diretor Guel Arraes, quando os contos se transformaram em episódios hilários e inesquecíveis, com a participação de um time de primeira que incluía Marieta Severo, Pedro Cardoso e Antônio Fagundes. E, para quem achava que já estava mais do que na hora das histórias chegarem aos palcos, *A vida privada é uma comédia* acaba de entrar em cartaz no Teatro Leblon.

Exercício para o ator

"O que mais me atraiu pra fazer esta peça foi o fato de ela ter muito da alma do Veríssimo. Além de ser um trabalho diversificado, com vários esquetes e diferentes personagens, o que é um exercício ótimo para qualquer ator. É uma brincadeira gostosa, uma composição em cima de personagens adaptados das crônicas. A leitura é agradável, mas não é um '*gargalheiro*'. Nós partimos de uma licença teatral, que nos permite colocar um pouco mais da visão do diretor, e do próprio ator, em cima dos personagens", conta Elizângela, que junto com Sylvia Massari, Rogério Fabiano e Élcio Romar compõe o elenco da peça.

Depois de viver a Djenane da novela *Senhora do Destino* e a fogosa Assunta em *A Lua Me Disse*, ambas da Rede Globo, e ao completar 43 anos de carreira, Elizângela já não nega mais sua porção de comediante, com a qual, por um bom tempo, não se sentiu muito confortável. "Eu não me percebia uma pessoa engraçada, os diretores é que foram notando isso. Nas últimas novelas meus personagens eram de comédia, e as pessoas começaram a me reconhecer na rua, olhar para a minha cara e rir. Às vezes, nem falavam comigo, só riam. No começo, eu estranhei. Depois fui entendendo e acabei me acostumando", diz a atriz.

O mico de Elizângela

A atriz concorda: a vida privada é, realmente, uma comédia. E conta a história: "uma vez eu preparei uma festinha surpresa, particular, para um namorado meu, com bolinho e tudo. Mas como sou péssima para datas, fiz tudo no dia 3, e o aniversário dele era no dia 6! Quando ele chegou, nem disse muito obrigado, apenas lembrou que o aniversário era no dia 6. E eu lá, sem graça, com o bolo na mão. No final, bem que ele podia ter aproveitado..." E não é que o Veríssimo tem razão?

Ítala Nandi em "O capataz de Salema". Teatro II do CCBB, 1996

CN ARTES

Cursos de Teatro e Interpretação para Câmera

Com Supervisão da diretora
CININHA DE PAULA

Tel: 2430-7105

Unimed Rio
apresenta
OSMAR PRADO
E
LUCIANA BRAGA
UM CAMINHO PARA DOIS
DE
FLÁVIO MARINHO
qui. a sab. 21h - dom. 20h
Classificação etária 12 anos
TEATRO CLARA NUNES - Marquês de São Vicente, 52
shopping da Gávea, 3º piso - 22749696